

ORIGENS DA FORMAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE PINDAMONHANGABA

**Fernanda Figueira Morales Borges¹, Edméa Medeiros Lavor²,
Prof. Dr. Luiz Panhoca³, Prof. Dr. Fábio Ricci⁴**

¹UNITAU/Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional, ferfigueira@uol.com.br

²UNITAU/Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional, familialavor@uol.com.br

³UNITAU/Prof. Dr. convidado do Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, luiz.panhoca@uol.com.br

⁴UNITAU/Prof. Dr. Programa de Pós Graduação em Administração, fabioricci@uol.com.br

Resumo- Este trabalho objetiva a descrição das origens da formação sócio-econômica do município de Pindamonhangaba. O estudo inicia-se com o desbravamento no século XVII, quando a região era habitada por povos indígenas, passando pelo século XVIII, com a formação da vila e início da urbanização, e pelo próspero século XIX, com a riqueza do café e a elevação da vila à cidade. Este artigo aborda o período compreendido entre o final do século XIX, quando houve o declínio da lavoura cafeeira, e o início do século XX, quando uma tímida indústria, fortemente ligada à atividade rural, forma-se na cidade. Com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra na década de 50, a cidade desloca seu eixo de acumulação do setor agropecuário para o setor industrial. As indústrias de base são as primeiras a instalar-se na cidade. Pindamonhangaba inicia o ciclo industrial.

Palavras-chave: Pindamonhangaba, história de Pindamonhangaba

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

Este artigo tem o objetivo de contribuir para o estudo das origens da formação sócio-econômica do município de Pindamonhangaba.

Os resultados obtidos foram divididos em três partes: origens do município, ciclo de subsistência e ciclo do café.

Para a elaboração desse artigo, foram consultadas as obras de diversos autores que elaboraram estudos sobre o município, tais como Reale (1970), Marcondes (2000) e Abreu (1957 e 1977), freqüentemente citado por outros autores, visto a qualidade e importância de sua obra para a cidade.

Por meio das obras de autores como Milliet (1946), Herrmann (1986) e Cano (1990), buscou-se informações sobre a formação social e econômica da região do Vale do Paraíba Paulista, o que contribuiu para o melhor entendimento do processo evolutivo da região e suas conseqüências para a cidade de Pindamonhangaba, em particular.

Materiais e Métodos

Para a elaboração do estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que buscou abranger os autores que registraram informações sócio-econômicas sobre o município, visto que a literatura científica sobre a cidade é escassa.

Também foi realizada uma pesquisa documental junto à Câmara Municipal.

Resultados

I – Origens do Município

Situada na região central do Vale do Paraíba Paulista (Figura 1), a cidade de Pindamonhangaba, segundo nos relata Reale (1970), fazia parte da região de Ipacaré, que se estendia de Taubaté até Lorena, habitada por tribos dos Gerominis e dos Puris, e mais tarde, dos índios Guyanas.



Figura 1 – Localização Geográfica

Fonte: PINDAVALE, 2006

As terras de Pindamonhangaba pertenciam à Capitania da Condessa de Vimieiro, que as doou a Jacques Félix em 1628, o qual hipoteticamente, seria o primeiro povoador da região.

Em 1672, Antonio Bicudo Leme e seu irmão Braz Esteves Leme, adquiriram as terras onde foi fundada Pindamonhangaba e aí se instalaram

(REALE, 1970, p.4). Porém, a escassa documentação existente sobre o período nos impede de afirmar que os Leme teriam sido os primeiros habitantes.

Abreu (1977), conta que em meados do século XVII, as correntes migratórias e famílias que povoaram Pindamonhangaba, Taubaté e Guaratinguetá provinham de São Paulo, Parnaíba e Mogi das Cruzes. Traziam consigo os costumes e a psicologia do planaltino, fortemente marcada pelos condicionantes sociais, econômicos, políticos e culturais: pobreza, policultura, autarquia, patriarcalismo, fecundidade, baixo nível intelectual, necessidade de escravizar índios, obediência à autoridade.

O pindense do século XVII possuía terras, mas era pobre, já que as terras pouco valiam. A riqueza do pindense se concentrava nos sítios com suas benfeitorias e na escravaria (índios e negros).

II- Ciclo de Subsistência

Podemos perceber na bibliografia existente, que até a segunda metade do século XVIII se esboçava os contornos de uma vila, já que a população concentrava-se no ambiente rural. Os moradores pindenses habitavam casas de pilão ou pau-a-pique, cobertas por sapé, raramente por telhas (ABREU, 1977).

A principal atividade econômica da época era a caça ao índio, não só para revenda como para o trabalho na lavoura de subsistência, já que o trabalho “manchava” os homens bons. Ainda segundo o autor: “se o braço servil faltava, faltava a lavoura dita de subsistência; faltando esta, faltava tudo” (ABREU, 1977, P.57).

A produção de açúcar surge na última década do século XVIII. A lavoura da cana, tocada pela mão de obra indígena e negra, divide seu espaço com a pequena agricultura tropical, havendo registros no censo de 1798 da exportação de fumo, algodão, açúcar, gado suíno e bovino para Parati, Rio de Janeiro e São Paulo (REALE, 1970).

A população indígena teve forte influência nos usos e costumes, linguagem e culinária. A agricultura da época foi em grande parte baseada na cultura do índio: mandioca, milho, arroz, feijão, frutas nativas (banana, laranja), sendo agregadas à economia também a pesca no rio Paraíba, a pecuária, o suíno, o caprino e o galináceo (ABREU, 1957). A miscigenação é inevitável, e os caboclos e piraquaras vivem à margem da sociedade, entre os grandes proprietários de terras e a escravaria, sobrevivendo nos sertões ainda não ocupados pelas grandes fazendas, vivendo da caça e da pesca no rio Paraíba (MARCONDES, 2000).

Em 10 de julho de 1705, o povoado recebe os foros de vila, emancipando-se de Taubaté. Neste

período, os moradores de Pindamonhangaba constroem suas casas no perímetro urbano, cultivando suas pequenas roças. Segundo Abreu (1957, p.72): “isolada no platô que exerce acentuada influência psicológica e isolacionista em seus moradores, a vila é circundada por latifúndios a perder de vista, em um território inóspito e desconhecido, salpicado de uma indiada rebelde.”

A população que morava na vila dedicava-se ao artesanato (cestaria) e ao comércio, havendo na vila alfaiates, fiandeiras, ferreiros, tropeiros, oleiros, tecelãs, etc, que atendiam às necessidades locais. Já no período do engenho da cana, as fazendas constituíam entidades econômicas auto-suficientes vivendo sob o poder do proprietário, tudo produzindo, trazendo de fora apenas pólvora e sal (REALE, 1970).

Abreu (1977) faz uma relação interessante entre a vila de Taubaté e a vila de Pindamonhangaba, segundo o qual Taubaté constituiria uma “aldeia urbana”, partindo do municipalismo para a vida rural, e Pindamonhangaba constituiria uma “aldeia rural”, onde o campo fez a cidade.

III – Ciclo do Café

Em 1805 tem-se o primeiro registro da produção de café na vila, do fazendeiro Manuel Monteiro de Castilho, que o enumera entre as plantações de sua propriedade, a qual, apesar da produção insignificante (REALE, 1970), já prenunciava o declínio do engenho de cana.

Segundo Herrmann (1986, p.114), a substituição da cultura da cana pelo café ocorreu paulatinamente em algumas cidades do Vale do Paraíba Paulista como: Guaratinguetá, Jacareí, Lorena, São José dos Campos e Pindamonhangaba. A substituição de cultura aconteceu com bases mais firmes nessas cidades, propiciando a maior duração do ciclo, diferente do ocorrido em cidades como Bananal e Areias, cidades que adotaram prontamente a cultura do café e apresentaram um intenso, porém curto ciclo.

TABELA 1 – Produção de Café (em arrobas)

Município	1838	1854	1886
Bananal	64.822	554.600	-
Areias	102.797	386.094	480.000
Taubaté	23.607	354.730	360.000
Pindamonhangaba	23.322	350.000	200.000
Jacareí	454.004	240.010	86.000
Lorena	33.649	125.000	176.667
Paraibuna	23.322	118.320	10.000
Guaratinguetá	22.442	100.885	350.000

Fonte: MILLIET, 1946.

O ciclo do café tem início a partir de 1820. Em meados de 1854, Pindamonhangaba era a quarta maior produtora de café do Vale, sobrepujada por Bananal, Areias e Taubaté (MILLIET, 1946, p.47).

Em 03 de Abril de 1849, Pindamonhangaba foi elevada à categoria de cidade, por meio de lei provincial, demonstrando que o período áureo da vila de Pindamonhangaba corresponde ao Segundo Reinado, girando a economia local em torno do cultivo do café.

Em 1876, a população era estimada em 15.000 pessoas, sendo cerca de 3.000 escravos (MARCONDES, 2000). Havia nas fazendas um grande número de homens livres, que na qualidade de assalariados prestavam serviços. Estes homens em geral possuíam uma profissão, como seleiros (confeção de arreamentos para selas), funileiros (trabalhos de forja e bigorna), jacazeiros (produção de balaios, cestos e artesanato em taquara e bambu) e tropeiros (responsáveis pelo transporte da produção em lombo de mula).

Ainda segundo Marcondes (2000), os homens livres eram muito bem vindos durante o período de colheita, quando se fazia necessária a contratação de mão de obra extra.

Além dos assalariados, os arrendatários e meeiros eram os responsáveis por desbravar as terras nos limites das grandes fazendas. Estes possuíam seus próprios trabalhadores e agregados, e realizavam a derrubada das matas, explorando sua madeira e cultivando as primeiras plantas (geralmente um milharal), para a limpeza do terreno, sempre em parceria com o dono das terras.

A população urbana estava ligada ao comércio, atividades liberais e de prestação de serviços (MARCONDES, 2000, p.26).

Com a inauguração da estrada de ferro Rio-São Paulo ou Linha Férrea do Norte, concluída em 1877 (RICCI, 2002), foi agilizada não só a locomoção de pessoas, mas principalmente o comércio de gêneros. Em meio a toda essa efervescência, a cidade recebe do poeta e cronista Emilio Zaluar o título de “Princesa do Norte”, tal o desenvolvimento que a região alcança na época.

Segundo nos relata Reale (1970), o comércio era então constituído por lojas de fazendas, ferragens, farmácias, além de estabelecimentos que aviavam o transporte e a exportação de produtos agrícolas, em especial o café, para os portos de Ubatuba e Rio de Janeiro. A indústria pouco se desenvolveu: havia na cidade uma fábrica de velas de cera e duas padarias.

A produção de café vai manter-se estável até meados de 1882, quando a produção do Vale sofre os primeiros golpes das leis abolicionistas e os efeitos do desgaste das terras (REALE, 1970, p.10). Começa então a marcha do café pelas terras virgens do oeste paulista (MILLIET, 1946).

Discussão

Segundo Cano (1990), no Vale do Paraíba Paulista não foi desenvolvido um complexo econômico que gerasse condições de transformar a mão-de-obra escrava para o trabalho remunerado. Já no oeste paulista, as condições para essa transformação foram extremamente favoráveis, pois com a cultura do café desenvolveram-se atividades econômicas tais como industriais de beneficiamento, comércio de exportação e importação, expansão do sistema bancário, implantação do sistema ferroviário, além de obras de infraestrutura, o que ofereceu aos recém-libertos trabalho remunerado.

À partir de 1886, devido à competição com o Oeste Paulista, a cultura do café no Vale do Paraíba entra em declínio. Apesar da crise, os produtores de Pindamonhangaba continuam a produzir, mesmo com baixa lucratividade.

Relatos na obra de Reale (1970) e Marcondes (2000) afirmam que o declínio foi tão rápido e inevitável que sequer houve tempo de se iniciar um outro ciclo produtivo, dada à estrutura econômica exclusivamente agrária da região, já que não havia na época a opção da indústria. A produção do café ainda perdura até 1920.

Há uma lacuna histórica quanto a este período (final do século XIX e início do século XX), durante o qual não podemos precisar qual foi o esteio no qual se apoiou a economia local. Encontramos em Marcondes (2000), que diante da situação, muitos fazendeiros acabaram mudando-se para outras regiões, porém não nos é disponibilizada a fonte original desta informação.

À partir da década de 20, a economia de Pindamonhangaba é apoiada na constituição de uma importante bacia leiteira, em extensas culturas de arroz e na produção de hortifrutigranjeiros. Foi uma época de pequeno crescimento econômico, sobretudo porque a cidade mantinha o perfil descrito por Abreu (1977) de “aldeia rural”, de forte dependência da economia agrária.

Somente no final de 1950 o município entra no ciclo pré-industrial, limitando-se ao beneficiamento de produtos agropecuários, principalmente arroz e leite, para o consumo local (CÂMARA MUNICIPAL DE PINDAMONHANGABA, 2005).

Com a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, a cidade passa a deslocar seu eixo de acumulação do setor agropecuário para o setor industrial, que passa a ser hegemônico no País.

Atraídas por incentivos fiscais e financiadas pelo governo federal, na década de 70 as indústrias de base começam a instalar-se na cidade. Pindamonhangaba inicia o ciclo industrial.

Conclusão

Assim como as demais cidades do Vale do Paraíba Paulista, Pindamonhangaba teve suas origens concentradas na atividade rural, desenvolvendo os ciclos econômicos do cultivo da cana e do café, que atraíram mão de obra para a cidade, gerando as bases da sociedade que hoje a compõe.

Mesmo com a baixa lucratividade, a cultura do café perdura até a década de 20, dada a inexistência de outra atividade que a suplante, o que não foi incomum para a região neste período.

É a partir da década de 20 que a produção agropecuária começa a ser beneficiada, iniciando-se uma tímida atividade econômica, que não promoveu alterações demográficas significativas.

Somente com a construção da rodovia Presidente Dutra a cidade é beneficiada com as indústrias de base que foram atraídas para o Vale. Ocorre então, um expressivo reordenamento territorial (RODRIGUES et al, 1992), reestruturando internamente a divisão social do trabalho, fundada nas novas condições proporcionadas, nesse momento histórico, pelo avanço da industrialização pesada, dando início a um novo ciclo econômico.

Referências

- ABREU, W.B. **Algumas notas para a história de Pindamonhangaba**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Tupy Ltda. Rio de Janeiro, 1957.

- ABREU, W.B. **Pindamonhangaba – Tempo e Face**. Pindamonhangaba: Editora Santuário Aparecida. São Paulo, 1977.

- CAMARA MUNICIPAL DE PINDAMONHANGABA. **A Cidade: Resumo Histórico**. 2005. Disponível em: <http://www.camarapinda.sp.gov.br/cidade> acesso em 07 dez. 2005, 16:27.

- CANO, W. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1990.

- HERRMANN, L. **Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num Período de Trezentos Anos**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas/USP, 1986.

- MARCONDES, J.M.P. **O Visconde da Palmeira e a cidade imperial**. JAC Gráfica e Editora. São Paulo, 2000.

- MILLIET, S. **Roteiro do Café e outros ensaios**. São Paulo: BIPA, 1946.

- PINDAVALE. Pindamonhangaba: localização geográfica. Pindamonhangaba, 2006. 1 mapa, color. Escala indeterminável. Disponível em: <http://www.pindavale.com.br/mapas.asp> acesso em 19 mai. 2006.

- REALE, E. **Pindamonhangaba: cidade do segundo reinado**. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Coordenadoria de Atividades Culturais da Universidade de São Paulo, 1970.

- RODRIGUES, I.O.; SANTOS, J.; OLIVEIRA, T.M.R. **Médio Vale do Paraíba do Sul: Estado, Políticas Públicas e Organização do Espaço – 1930/1980**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, n.54, p. 54-82, out./dez. 1992.